

OS AFIXOIDES *ECO-* E *HOMO-* NO PROCESSO DE RECOMPOSIÇÃO

Patrícia Affonso de OLIVEIRA

(Universidade Federal do Rio de Janeiro /NEMP)

Resumo: Neste artigo, discutimos o estatuto morfológico dos formativos que consideramos afixoides, os neoclássicos *eco-* e *homo-*. Ao longo do texto, verificamos que esses formativos são considerados afixoides justamente por exibirem características tanto de afixos como de radicais. Com base em Gonçalves & Andrade (2012), analisamos como esses elementos se posicionam no continuum derivação-composição idealizado pelos autores.

Palavras-chave: Morfologia, Composição, Derivação, Recomposição, Continuum morfológico.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, faremos uma análise do processo de recomposição envolvendo os radicais neoclássicos *eco-* e *homo-*. Procuraremos mostrar que a recomposição é um processo de formação de palavras bastante produtivo nos dias de hoje, não sendo mais possível caracterizá-lo como marginal, pelo menos na variante brasileira.

Os formativos *eco-* e *homo-* são oriundos do grego e significam, respectivamente, “casa, habitat” e “semelhante, igual a” (CUNHA, 2010; HOUAISS, 2009). Em grego, *eco-* era um substantivo masculino que funcionava como palavra e contribuía para a formação de compostos nessa língua (CUNHA, 2010). A base *homo-*, por sua vez, é vista como um elemento de composição que se documenta em compostos formados no próprio grego (CUNHA, 2010). Atualmente, esses radicais neoclássicos, também conhecidos, mostra Gonçalves (2011) como arqueoconstituintes (Corbin, 2000), são denominados afixoides, já que exibem características tanto de radicais como de afixos, o que corrobora a proposta de *continuum* morfológico entre os dois principais processos de formação de palavras, a composição e a derivação, tal como proposto por Kastovsky (2009) e Gonçalves (2011 a,b,c).

Os afixoides *homo-* e *eco-* vêm sendo amplamente utilizados para formar séries de novas palavras na língua, mas não mais com o significado que encontramos nos dicionários etimológicos: *eco-* aparece associado aos significados “ecológico” e “reciclagem”, típicos de palavras como ‘ecologia’ e ‘ecológico’, e *homo-*, ao significado de “gay”, numa clara referência à palavra ‘homossexual’, adquirindo, assim, conteúdo mais especializado e distinto, portanto, do etimológico. Oliveira & Gonçalves (2011: 180) afirmam que “esses formativos adquirem o significado de todo o composto de onde se desprenderam e se juntam a outras bases, formando novas palavras no atual estágio da língua”.

Há na literatura alguns trabalhos destinados à análise do processo de recomposição e, por isso, nos basearemos nos artigos que abordam o tema, como Belchor (2011), Cano (1998), Ferreira (2011), Gonçalves (2011a e 2011b), Monteiro (2002), Oliveira & Gonçalves (2011), Gonçalves & Andrade (2011c) e alguns gramáticos tradicionais, como Cunha & Cintra (2001). Nosso principal objetivo é examinar as estruturas das palavras recompostas para tentar responder as seguintes questões:

- (a) O processo de recomposição é ou não produtivo;

(b) Observar de que maneira as palavras formadas pelo processo de recomposição se comportam em relação aos critérios empíricos abordados em Gonçalves & Andrade (2011);

(c) Verificar se os formativos *eco-* e *homo-*, quando utilizados no processo de recomposição, se aproximam mais do processo de derivação ou da composição.

Os dados que compõem o *corpus* utilizado na pesquisa foram coletados no *site* de busca *Google*, no *site* *todasaspalavras.com*, no *dicionarioinformal.com* e no Dicionário eletrônico Houaiss (2009), em *sites* de relacionamento como *facebook*. São ao todo 250 dados. Vale ressaltar que este trabalho constitui análise preliminar do assunto e, portanto, não pretende esgotar a questão. Está estruturado da seguinte forma: em primeiro lugar, faremos uma breve revisão da literatura sobre o fenômeno da recomposição. Depois, definimos afixoides. Em seguida, aplicamos os critérios empíricos abordados em Gonçalves & Andrade (2012) aos formativos *eco-* e *homo-*. Por fim, concluímos o texto, destacando os primeiros resultados da pesquisa.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Cunha & Cintra (2001) fazem uma análise das diferenças entre radicais neoclássicos e pseudoprefixos, afirmando que estes têm um comportamento diferente daqueles, pois, apesar de adquirirem sentido especial nas línguas modernas, ainda se empregam com o valor originário em numerosos compostos. Para os autores, os radicais que adquiriram sentido especial assumem o sentido global dos vocábulos de que antes eram constituintes. Estes se distinguem dos radicais neoclássicos por apresentar deriva semântica, o “que se evidencia quando processada a “decomposição”: os elementos ingressam em outras formações com sentido diverso do etimológico” (Oliveira & Gonçalves, 2011:2). Os gramáticos acreditam que a deriva semântica desses elementos decorre de um processo denominado recomposição por André Martinet, já que não se identificam com o processo de composição e tampouco com o de derivação.

Monteiro (2002: 191) classifica a recomposição como uma espécie de composição: “trata-se de um mecanismo formador de novas palavras em que apenas uma parte do composto passa a valer pelo todo e depois se liga a outra base, produzindo uma nova composição”. O autor traz exemplos com *auto-*, *tele-* e *foto-*, mostrando que esses itens não atualizam mais os seus significados etimológicos: “de/por si próprio”, “ao longe” e “luz, radiação magnética”, respectivamente. Segundo o autor, tais elementos veiculam o significado dos compostos neoclássicos ‘automóvel’, ‘televisão/telefone’ e ‘fotografia’ e, ao se unirem a outras bases, formam, por exemplo, ‘autódromo’, “lugar de corrida de carros”; ‘telecine’, “filmes de cinema exibidos pela televisão” (FERREIRA, 2011:12) e ‘foto-montagem’, “montagem feita de fotografias”. Assim, ainda segundo Monteiro, a formação ‘autódromo’ se relaciona semanticamente com ‘automóvel’, não mais com o elemento grego *auto-* que aparece em exemplos como ‘auto-retrato’ e ‘autodidata’, veiculando a idéia “de/por si próprio” (MONTEIRO, 2002: 192). O autor conclui que *auto-* (‘automóvel’), *tele-* (‘televisão’) e *foto-* (‘fotografia’) são bases que formam itens recompostos.

Cano (1998) afirma que existem termos técnico-científicos que são desconhecidos dos falantes, pois são unidades léxicas utilizadas em um domínio de especialidade, empregadas em situações de comunicação somente pelos especialistas. Segundo ela, esses termos podem migrar para a língua geral, principalmente através dos meios de comunicação em massa. Esse movimento de um termo científico para a língua geral pode resultar em mudança ou extensão de

Os afixoides *eco-* e *homo-* no processo de recomposição

sentido, ocorrendo o que Cano (*op. cit.*) denomina de “vulgarização lexical”. Segundo a autora, “quando o termo passa para a língua geral, pode adquirir vários outros significados que se juntam ao significado original ou o substituem”. Segundo ela, “foi exatamente isso que ocorreu com os elementos eruditos *auto-*, *eleto-* e *tele-*, entre outros” (CANO, 1998:13). A autora acredita que esses elementos estão situados à margem de qualquer classificação.

A autora analisa o formativo *tele-* e afirma que este passou a funcionar como pseudoprefixo, já que não funciona como prefixo nem como radical por causa de sua alta produtividade e por ter passado pela deriva semântica. No entanto, a própria autora reconhece que “uma das dificuldades de adotar o conceito de ‘pseudoprefixos’ consiste em decidir onde colocar palavras como ‘teledependência’: se na derivação ou na composição” (CANO, 1998:13). Ela acredita que *tele-* passou pelo processo de vulgarização lexical, entrando para a língua geral com um novo sentido, distinto do etimológico, “através da televisão”, e usa como exemplo a palavra ‘telespectador’. Afirma, ainda, que, além do sentido de “pela televisão”, estão aparecendo novas formações com mais um sentido especializado, “pelo telefone”, e exemplifica com ‘telessaque’, ‘tele-entrega’, ‘telemor’ e ‘telecheque’. Cano, ao concluir a análise de *tele-*, afirma que, no português brasileiro, o formativo *tele-* pode significar “pela televisão”, “pelo telefone” ou “telecomunicação”, além do sentido etimológico “à distância”.

Belchor (2011) descreve o fenômeno da recomposição, utilizando os formativos *auto-* e *moto-*, que, segundo ela, são formativos truncados dos compostos neoclássicos ‘automóvel’ e ‘motocicleta’, respectivamente. Para a autora, nos itens lexicais recompostos, as sequências truncadas adquirem o significado da base de onde vieram, e, para ilustrar, usa como exemplo o recomposto ‘auto-escola’ em que a porção *auto-* significa “automóvel” e não “por si próprio”; tem-se, então, nesse caso, um vocábulo formado pelo processo de recomposição, uma vez que uma das bases consiste no “encurtamento de uma palavra matriz e não um radical isolado” (BELCHOR, 2010:7). A autora acredita que os formativos *auto-* e *moto-* estão adquirindo o estatuto de prefixo, já que apresentam alta produtividade, característica que os aproxima dos afixos.

A autora afirma que o processo de recomposição envolve o encurtamento da palavra matriz em um item que assume o significado do todo, mas que “o truncamento consiste apenas em parte do processo, uma vez que, as sequências encurtadas não funcionam como unidades lexicais autônomas” (BELCHOR, 2010:7). Argumenta, ainda, que “a base dos itens recompostos é uma sequência truncada que se caracteriza por ser presa, enquanto os produtos gerados pelo processo de truncamento que não integram posterior recomposição atuam como formas livres na língua” (BELCHOR, 2010:7). A autora conclui sua análise afirmando que *moto-* funciona como item lexical autônomo, mas *auto-* não pode ser usado como item lexical autônomo, já que é uma forma presa.

Ferreira (2011:2) aborda o processo de recomposição usando para análise o afixoide *tele-*. Define a recomposição como “uma formação resultante de dois processos morfológicos em que primeiramente o falante reduz uma dada forma linguística que, por sua vez, passará a funcionar ‘representando’ a palavra da qual era parte”. Ferreira discorda da definição de Belchor (*op. cit.*), pois acredita não existir um processo de truncamento como condição necessária para a formação de recompostos. Explica que, no caso do truncamento, as formas reduzidas “funcionam” livremente na língua e, para comprovar sua afirmação, exemplifica com itens como ‘*refri*’ (<< ‘refrigerante’), ‘*Fla*’ (<< ‘Flamengo’) e ‘*Flu*’ (<< ‘Fluminense’) que funcionam como palavras autônomas na língua e são verdadeiros casos de truncamento. A autora afirma que, nos casos de

recomposição, as formas reduzidas só aparecem ligadas à outra unidade lexical, não sendo “possível usarmos livremente na língua a forma *tele-* para falar de telefone ou televisão” (FERREIRA, 2011:2), já que essa unidade morfológica é uma forma presa que não estabelece, por si só, comunicação suficiente. A autora descreve o formativo *tele-* como um elemento bastante produtivo que se assemelha a um prefixo, pois expressa um significado recorrente que não altera a classe das palavras a que se adjuge e tem alta produtividade.

Gonçalves (2011 a) descreve o fenômeno da recomposição como “o mecanismo pelo qual se cria um composto a partir de um truncamento de outro” e que a recomposição é “um processo em que a parte truncada adquire o significado de todo o composto da base de onde se desprende” (GONÇALVES, 2011a: 68-69). Para o autor, “nas novas formações, entretanto, a base, numa espécie de metonímia formal, remete à acepção do composto que lhe deu origem, afastando-se, com isso, de seu significado original” (*op.cit.* p.68). O autor acredita que os itens formados pelo processo de recomposição não constituem casos prototípicos de composição nem de derivação, pois afirma que os itens recompostos passaram por um processo de mudança morfossemântica e que a recomposição é um tipo de operação difusa, já que exhibe tanto características da composição quanto da derivação. Por esse motivo, acredita que a recomposição está nos limites entre a derivação e a composição, ou seja, é um dos processos morfológicos que transitam no *continuum* morfológico que propõe autor com base em Bauer (2005), Kastovsky (2009), Ten Hacken (1994) e Baker (2000), entre outros.

Gonçalves, em outro artigo, mostra que no processo de recomposição, “parte de uma palavra complexa é encurtada e adquire novo significado especializado ao se adjuge sistematicamente a formas com livre-curso na língua” (GONÇALVES, 2011b: 15). O autor acredita que o comportamento multifuncional dos compostos neoclássicos dificulta sua classificação em uma categoria própria (página 08). Para o autor os elementos de primeira posição, como *eco-* e *homo-*, *auto-*, *moto-*, *foto-*, *aero-* e *agro-*, entre tantos outros, quando aparecem combinados com palavras, são casos de recomposição.

Oliveira & Gonçalves (2011: 180) estabelecem a seguinte definição para o processo de recomposição:

A recomposição é o processo pelo qual há o encurtamento de uma palavra, outrora um composto neoclássico, em que o arqueoconstituente, nos termos de Corbin (2000), adquire o significado do composto erudito com alta relevância cultural. Esse radical se junta a uma forma livre da língua, formando nova palavra, agora menos formal por evocação a uma palavra tomada como modelo. Devemos entender que o radical encurtado não preserva o sentido etimológico da forma-gatilho de onde se desprende.

Os autores explicam que a forma encurtada é uma metonímia do composto e que o processo de recomposição utiliza como formativos dois tipos de radicais: aqueles que são presos e se comportam como prefixos, como é o caso de *eco-*, *auto-*, *tele-* *bio-*, entre outros, e aqueles que, pelo processo de *clipping*, funcionam como radicais livres, ou seja, são unidades lexicais autônomas que tem estatuto de palavra na língua, como é o caso de *homo-*, *foto-* e *moto-*. Os autores afirmam que o formativo *eco-* hoje se comporta mais como um prefixo, pois se adjuge a formas de livre curso na língua, formando novas palavras em série – não mais com o sentido etimológico do formativo (“casa, habitat”), mas com um novo significado que se originou dos compostos

Os afixoides *eco-* e *homo-* no processo de recomposição

‘ecologia/ecológico’: “ecológico” ou “reciclagem”. Assim, formas como ‘ecoatitude’ (“atitude ecológica”) e ‘ecopicareta’ (“pessoa desonesta que desvia verbas públicas destinadas ao tratamento de questões ambientais”) são dados que os autores utilizam para exemplificar formas recompostas em *eco-*. Os autores acreditam que *eco-* se assemelha a um prefixo por que “(a) não altera a classe das palavras a que se liga, (b) é bastante produtivo nos dias de hoje, e, além disso, (c) é uma forma, que, sozinha, não funciona como palavra e (d) fixou-se na margem esquerda nas estruturas morfológicas do português.” (p. 182). Acrescentam, ainda, que, nas estruturas recompostas em *eco-*, o padrão relacionado à posição da cabeça lexical é DT-DM, já que “*eco-* funciona como determinante do termo recomposto: em ‘ecoterrorista’, *eco-* é modificador do nome ‘terrorista’, que designa “pessoa que faz terrorismo sobre as questões ambientais”. (p:182).

Gonçalves & Andrade (2012: 135) classificam a recomposição como um processo morfológico que faz uso de afixoides, os quais, segundo os autores, são elementos neoclássicos caracterizados pela compactação do significado de um composto de que eram constituintes. Para Gonçalves & Andrade, afixoides compartilham propriedades de afixos e de radicais, o que dificulta a categorização como compostas ou derivadas das novas formações de que participam, justificando assim, a proposta de *continuum* morfológico. Os afixoides, segundo eles, aparecem apenas no interior de palavras morfológicamente complexas, como *eco-*, *auto-*, *tele-*, *bio-*, *agro-*, *aero-*, *petro-*, *tecno-*, que são formas presas, e os que, pelo processo de truncamento, podem ser utilizados sozinhos, como *homo-*, *moto-* e *foto-*. Os autores observam que o volume de formas presas, que se comportam como afixos, é bem maior que o das formas potencialmente livres, que se assemelham a radicais. Afirmam que os afixoides realmente ostentam propriedades de radical e afixo, não se nivelando com nenhuma dessas duas categorias, já que apresentam características próprias, que legitimam o reconhecimento de uma classe distinta de formativos (Gonçalves & Andrade, 2012:137). Os autores utilizam 11 critérios empíricos para analisar os afixoides, critérios estes que diferenciam radicais de afixos.

Como Gonçalves (2011a, 2011b), também acreditamos que os formativos utilizados na recomposição são, de fato, afixoides, ou seja, constituem uma nova classe de formativos com características próprias e podem ser dispostos em um *continuum* morfológico. Usaremos os critérios empíricos explicitados em Gonçalves & Andrade (2012) para analisar na seção 4, mais detidamente, os afixoides *eco-* e *homo-*. Antes, porém, precisamos melhor o que são afixoides, já que estes são os formativos utilizados no processo de recomposição.

2. OS AFIKOIDES NA RECOMPOSIÇÃO

Os chamados radicais neoclássicos são considerados um problema para a teoria morfológica, pois, segundo Bauer (2005:105), não está claro se os compostos neoclássicos devem ser incluídos, em sua totalidade, no processo de composição, já que nem todos constituem lexemas em inglês, pois vários deles não são considerados radicais nessa língua.

Segundo Booij (2005), o termo afixoide foi introduzido na literatura morfológica para denotar morfemas que parecem peças de compostos e ocorrem como lexemas, mas com um significado específico e mais restrito, quando usado como parte de um composto (p.5). O autor explica que a ascensão dos afixoides é um caso típico de gramaticalização:

como sabemos, a partir do estudo de gramaticalização, a mudança semântica precede a mudança formal. No caso dos afixoides, a mudança semântica já

Patrícia Affonso de Oliveira

aconteceu, mas não há ainda nenhuma mudança formal: eles são formalmente como compostos reais, normalmente não há enfraquecimento fonológico envolvido. (p. 8)

A gramaticalização, nesse caso, evidencia que a composição e a derivação não devem ser vistas como dois mecanismos morfológicos radicalmente diferentes, já que há uma forte semelhança entre os dois processos de formação de palavras, o que nos leva a concluir que afixos derivacionais são componentes da estrutura morfológica, assim como constituintes de compostos (BOOIJ, 2005: 9). O autor afirma que a noção de afixoide recebe

“uma interpretação formal em termos de padrões de vinculação no léxico e, portanto, [afixoide] não é visto apenas como um termo teórico que introduz uma terceira classe de morfemas além de morfemas lexicais e morfemas presos. Um afixoide é um lexema que ocorre em um sub-esquema de compostos em que a outra posição ainda é uma variável, sem uma especificação lexical. Tais esquemas são intermediários entre compostos concretos individuais e esquemas totalmente abstratos para estruturas compostas. O significado específico e recorrente de um lexema na estrutura do composto é especificado neste nível intermediário.”

Para Booij, afixoide são formas que parecem partes de um composto e podem ocorrer como lexemas, mas apresentam um significado mais geral e podem aparecer em séries de palavras. Booij conclui que a postulação de afixoide é uma descrição conveniente para o fato de a fronteira entre derivação e composição ser turva, independentemente de formarem ou não uma classe separada. Essa evidência levou-o a propor que a derivação e a composição devem receber o mesmo tratamento dentro da morfologia e que estas devem ser analisadas numa perspectiva construcional (p. 117).

Como destaca Gonçalves (2011a), Ten Hacken (1994) afirma que o aumento na produção de novas formas e a diminuição da especificidade semântica fazem com que afixoide se assemelhem a afixos; por outro lado, sua vinculação a uma forma livre os aproxima dos radicais. Ralli (2010) observa que, em abordagens mais antigas, os afixoide eram considerados como pertencentes a uma classe diferente, situada entre lexemas e afixos, e eram denominados de várias formas a depender do autor, como, por exemplo, afixoide ou pseudoprefixos (Fleischer, 1969; Schmidt, 1987), semi-afixos (Marchand, 1967, 1969), semi-palavras ou raízes neoclássicas (Scalise, 1964), confixos (Martinet, 1979). Atualmente, como nos mostra Gonçalves, (2011b), também há diferenciação nas denominações dadas para os afixoide, como, por exemplo, pseudoprefixos (Cunha & Cintra, 2001; Cano, 1998, Katamba, 1990), arqueoconstituintes (Corbin, 2001), formas combinatórias iniciais (Bauer, 1988), raízes de fronteira (Ten Hacken, 1994) e afixos (Bauer, 2005).

Gonçalves (2011a) observa que afixoide têm características tanto de radicais quanto de afixos e afirma que o termo remete para algo “semelhante a um afixo” (*op.cit.*), o que, segundo o autor, “implica afirmar que essa entidade partilha de certas semelhanças com um afixo, ao mesmo tempo em que ostenta diferenças em relação a esse elemento morfológico” (2011: 65). Gonçalves & Andrade (2011) afirmam que

Os afixoides *eco-* e *homo-* no processo de recomposição

A recomposição é um processo morfológico que faz uso de afixoides -elementos neoclássicos caracterizados pela compactação do significado de um composto de que eram constituintes. Afixoides compartilham propriedades de afixos e radicais, justificando a proposta de continuum aqui defendida” (p:14).

3. OS AFIKOIDES *ECO-* E *HOMO-*

Antes de começarmos a análise, é necessário apresentar os afixoides *eco-* e *homo-*. O formativo *eco-*, segundo Oliveira & Gonçalves (2011), se comporta atualmente mais como um prefixo, adjungindo-se a formas de livre curso na língua e criando palavras em série. Os autores acreditam que *eco-* se comporta formalmente mais como prefixo por que este (a) não altera a classe de palavras a que se liga, (b) é bastante produtivo, (c) é uma forma que sozinha não funciona como palavra, ou seja, não estabelece comunicação suficiente, nos termos de Bloomfield (1933), e (d) fixou-se na margem esquerda nas estruturas morfológicas do português. Além disso, o formativo *eco-* funciona como determinante do termo recomposto, estabelecendo um padrão de cabeça lexical DT-DM (determinante-determinado) no qual é o modificador do recomposto. Por exemplo, em ‘ecocatástrofe’, *eco-* é o modificador, já que ‘ecocatástrofe’ significa “catástrofe ambiental ou ecológica”. Oliveira & Gonçalves também nos mostram que, em relação à tonicidade, nos recompostos em *eco-* a sílaba que porta o acento secundário coincide com a sílaba tônica do núcleo à direita e que a tonicidade do elemento à esquerda (não-cabeça) é mantida, porém como acento secundário, como, por exemplo em ‘ecotoxidade’ e ‘ecoequilíbrio’.

Em relação ao significado, podemos afirmar que nas novas formações (muitas ainda não-dicionarizadas), o afixoide não atualiza mais o significado etimológico “casa, habitat”, mas os significados “reciclagem” e “natureza”, significados estes originados das construções neoclássicas ‘ecologia’/‘ecológico’. Tanto ‘*eco*’ quanto ‘*homo*’ passaram por uma especialização semântica para veicular os significados que veiculam atualmente; além disso, estamos certos de que isso ocorreu por uma necessidade cultural: a língua precisava expressar mais iconicamente conceitos que, nesse momento, são de grande relevância cultural, como a ideia de preservação do meio ambiente, em evidência por causa do aquecimento global, e a aquisição, nas últimas décadas, dos direitos assegurados por lei aos homossexuais. Quando a língua necessita, cria meios formais para expressar novos conceitos por meio de itens lexicais complexos que demonstram o que é relevante culturalmente (BYBEE, 1985), o que nos faz acreditar, na linha da Linguística Cognitiva, que a cognição é culturalmente situada.(FERRARI, 2011:45)

O afixoide *homo-*, segundo Oliveira & Gonçalves (*op.cit*), tem estatuto morfológico um pouco diferente do de *eco-*, já que se assemelha mais a um radical, pois, pelo processo de truncamento (*clipping*), funciona como palavra na língua, ou seja tem estatuto nominal, podendo inclusive sofrer flexão de número: “Cláudio e Roberto assumiram para suas famílias que são homos e disseram que se casam no próximo mês”.

O afixoide *homo-* tem como características formais o fato de se adjungir a formas de livre curso na língua e as bases a que se liga geralmente são adjetivas ou substantivas, como em ‘homoacusador’ (“aquele que faz acusação contra homossexuais”) e ‘homoviolência’ (“violência contra homossexuais”), respectivamente. Ainda em relação ao aspecto formal, o mesmo padrão que encontramos em *eco-* também é válido para *homo-*, já que este é o modificador, estabelecendo, assim, uma relação DT-DM em que a cabeça lexical está sempre à direita, como na prefixação (GONÇALVES, 2012:11). Em relação ao aspecto semântico, podemos afirmar que em ‘homo’ o

significado etimológico, “semelhante ou igual a”, ainda que atualizado nos dias de hoje (‘auto-atendimento’, ‘auto-ajuda’), vem formando novas palavras a partir do composto neoclássico ‘homossexual’. Assim, em ‘homoterma’, temos como significado “terma ou prostíbulo para *gays*”.

Gonçalves & Andrade (2012) afirmam que nem sempre é fácil decidir se uma unidade constitui afixo ou radical. Para os autores, as unidades envolvidas na formação de palavras, nesse caso, os afixoides, exibem características derivacionais e, ao mesmo tempo, composicionais, o que dificulta a categorização como compostas ou derivadas das construções morfológicas de quem participam (*op cit*). Por essa razão, os autores estabelecem critérios empíricos que servem de parâmetro para diferenciar radicais de afixos; mostram que uma categorização baseada em protótipos é mais condizente com a heterogeneidade tipológica do sistema de formação de palavras do português. Faremos, então, uma pequena análise, usando 10 dos critérios propostos pelos autores, a fim de decidir se os afixoides *eco-* e *homo-* são mais derivacionais ou mais composicionais na língua portuguesa contemporânea.

4. ANÁLISES DOS AFIXOIDES *ECO-* E *HOMO-*

O primeiro critério que diferencia afixos (Gonçalves & Andrade, 2012:122) é assim enunciado pelos autores:

(a) “[afixos] são regidos por fortes restrições posicionais, aparecendo numa posição pré-determinada na estrutura das palavras, vindo daí a distinção entre os vários tipos de afixos encontrados nas línguas do mundo: prefixo, sufixo, infixo, circunfixo, suprafixo, interfixo, confixo etc.” (Gonçalves & Andrade, 2012:122)

Por esse critério, *eco-* e *homo-* são semelhantes a afixos, já que se fixaram em uma borda pré-determinada na estrutura das palavras: aparecem à esquerda em todos os 250 dados coletados:

(01)	ecoambiental	homoviolência
	ecoturismo	homoacusador
	ecoprodutos	homoignorante

De acordo com o segundo critério empírico, afixos (*op.cit* 2012:122)

(b) “constituem formas presas, isto é, são partes integrantes de palavras, não funcionando sozinhas como comunicação suficiente, nos termos de Bloomfield (1933), por só se manifestarem quando combinadas a outras formas, presas (‘sapat-eiro’) ou livres (‘mes-ário’)”;

Por este critério, temos uma diferença entre os dois elementos em análise: *eco-* realmente não pode funcionar sozinho, já que é uma forma presa, não estabelecendo, sozinho, comunicação suficiente. Observe os exemplos:

(02) “Hoje eu vou passar pela ‘eco’, quer uma carona?”

(03) “Hoje eu vou passar pela ‘ecovia’, quer uma carona?”

No exemplo em (02), observamos que ‘eco’ não tem sentido sozinho, não tem autonomia formal nem semântica, ou seja, é uma forma presa, pois só aparece no interior de palavras

Os afixoides *eco-* e *homo-* no processo de recomposição

morfologicamente complexas. Não podemos dizer o mesmo de *homo-*, já que este, pelo processo de truncamento, funciona como forma de livre curso na língua, podendo até receber flexão de número:

(04) Ana e Paula são *homos*.

Por este segundo critério, *eco-* se assemelha mais a um afixo, enquanto *homo-* se assemelha mais a um radical, pois pode ser utilizado sozinho em referência a todo o composto de onde foi extraído. Vamos ao terceiro critério (*op.cit* 2012:122):

(c) “por serem presos, [afixos] não formam palavras prosódicas independentes. Dito de outra maneira, são elementos que, em geral, não projetam, sozinhos, vocábulos fonológicos próprios, realizando-se, com a forma a que se agregam, sob um único acento”;

Como nos mostram Gonçalves & Andrade (2012:122), “os constituintes de um recomposto claramente se realizam em palavras prosódicas diferentes”. Os formativos *eco-* e *homo-*, pelo critério (c), são mais semelhantes a radicais, já que estes têm acento próprio, ou seja, são palavras prosódicas independentes, mesmo que seus acentos, nesse caso, sejam secundários em relação ao acento da base a que se ligam:

(05) ecoatitude; ecolinguístico; ecopátio; homoatleta; homofílico.

Nesse caso, temos uma palavra morfológica, mas duas palavras prosódicas, o que coloca os dois elementos morfológicos aqui analisados mais próximos da composição. O critério (d) nos mostra que afixos (*op.cit* 2012:122):

(d) “são elementos mais estáveis, com função sintática e semântica pré-determinada”.

Pelo critério (d), *eco-* e *homo-* estariam mais perto dos afixos, pois ambos têm função sintática e semântica pré-determinada. Em relação à função semântica, *homo-* sempre atualiza o significado de “gay” em todos os recompostos que forma. *Eco-* atualiza os significados de “reciclagem”, “ecológico”, ambos relacionados ao significado mais genérico de “meio ambiente”. No caso de suas funções sintáticas, *homo-* sempre cria substantivos ou adjetivos, não alterando nunca a classe gramatical do produto, ou seja, se o elemento de segunda posição era, antes do processo, um substantivo, continuará sendo um substantivo depois da recomposição. O mesmo ocorre com *eco-*, que produz substantivos de substantivos e adjetivos de adjetivos:

(06) homoestressado (adjetivo); homodireitos (substantivo);

(07) ecotítulos (substantivo); ecopicareta (adjetivo);

Observamos que o significado dessas formas é composicional, pois em ‘homoestressado’ temos o significado “gay extremamente estressado”; em “homodireitos”, “direitos dos homossexuais”, o que ocorre também nas estruturas em *eco-*: ‘ecotítulos’ (“títulos dados a empresas que investem na preservação do meio ambiente”), ‘ecopicareta’ (“pessoa desonesta que desvia verbas públicas destinadas ao tratamento de questões ambientais”). O critério (e) nos relata que afixos (*op.cit* 2012:122):

(e) “servem para criar séries de palavras, apresentando grande potencial de aplicabilidade na formação de novas unidades lexicais”;

Os formativos *eco-* e *homo-*, por este critério, são considerados mais derivacionais, pois criam palavras em série, caracterizando-se como elementos de alta aplicabilidade no atual estágio da língua. O *corpus* de *eco-* é constituído de 160 dados e *homo-*, de 90 novas formações, o que evidencia a produção em série nos dois formativos, que têm grande potencial de aplicabilidade por se anexarem a um grande volume de substantivos ou adjetivos.

Pelo critério (f), afirma-se que afixos (*op.cit* 2012:122):

(f) “atualizam significados mais largos, passíveis de combinação com um número maior de formas da língua”;

Como já foi dito acima, nas novas formações em *eco-* e *homo-* os significados são composicionais. Por exemplo, as formas em *eco-* estão relacionados ao campo semântico do “meio ambiente”, significando “ecológico”, “reciclagem”, como, por exemplo:

(08) *ecoponto*: local onde é colocado lixo que pode ser reciclado como garrafas, vidro, plásticos etc. Aqui o significado recorrente é o de reciclagem;

(09) *ecocidade*: conjunto urbano que compartilha a ideia consciente de transformação da cidade, visando diminuir a destruição da natureza. Aqui o significado recorrente é o de ecológico.

Em *homo-*, ocorre o mesmo já que nas novas formações o significado atualizado é sempre o de “gay”:

(10) *Acaba de acontecer o último homoescândalo*: homossexual enciumado se transforma em um homoagressor, ao ver seu noivo jantando à ‘luz de velas’ com o seu sócio. O agredido relatou que desmanchou o relacionamento e que vai fazer homoterapia.

Nesse exemplo, os três dados se relacionam à “gay”, já que os significados atualizados são “escândalo gay”, “agressão a um gay” e “terapia para gays”, respectivamente. Por este critério, *eco-* e *homo-* seriam semelhantes afixos, pois seus significados são mais largos e relacionados aos campos semânticos de “meio ambiente” e “homossexualidade”, respectivamente, podendo se ligar a um número relativamente grande de formas na língua portuguesa.

O próximo critério nos informa que (*op.cit* 2012: 123)

(j) “ainda que ocupem diferentes lugares na cadeia sintagmática, [afixos] não se combinam entre si (*super-ismo; *des-mento; *in-eiro)”;

O que temos observado é que em *eco-* se liga tanto a bases livres quanto a sufixos e a *splinters*, mesmo que a ligação a sufixos e a *splinters* seja somente em 5% dos casos, o que o colocaria mais próximo aos radicais, já que estes se ligam entre si e com afixos derivacionais, como demonstrado em (16), a seguir. Já *homo-*, ao contrário, só se liga a bases livres, ou seja, seleciona, para figurar à sua direita, itens lexicais autônomos e nunca formas presas, o que o faz parecer um afixo, ou melhor, prefixo, já que só se combina com palavras e não com afixos, radicais presos, *splinters* ou sufixos, como se observa nos exemplos em (17):

(11) **ecocida, ecólogo, ecodemo, ecocídio, ecocard, ecoart**

(12) **homopedagogia, homoinquirição, homoadoção, homoprofissão**

Os afixoides *eco-* e *homo-* no processo de recomposição

Por este critério, *eco-* se parece mais com um radical, já que radicais podem se ligar a formas presas como, por exemplo, os sufixos. Já *homo-*, nesse critério, seria semelhante a um prefixo, já que só se liga a bases livres. Para finalizar a análise, vamos ao critério (h), como o qual se afirma que afixos (*op.cit* 2012:123)

(k) “não são sensíveis às regras de redução de coordenação (Coordination Reduction – CR), quer para trás (BCR), quer para frente (FCR)” (cf. KENESEI, 2007: 10).

O critério em (k) nos mostra que afixos não podem ser apagados em estruturas de coordenação. Radicais, por outro lado, podem ser apagados, ou seja, palavras com conteúdo lexical podem ser suprimidas em construções de coordenação. Como nos mostram Gonçalves & Andrade (2012: 125), “afixoides são sensíveis à regra de redução de coordenação para frente, pois quando duas formas são postas em paralelo, a cabeça lexical da primeira pode não se realizar” (*op.cit*). Então, por este critério, *eco-* e *homo-* seriam mais semelhantes a radicais, uma vez que são e são igualmente sensíveis à redução em coordenação, como atestam os exemplos a seguir:

(13) *eco/biodegradável*; *eco/biossustentável*; *bio/ecorrenovável*.

(14) *homo* e *heterofóbico*; *homo* e *heteroadoção*; *homo* e *heterossexual*.

CONCLUSÃO

Vimos que o processo de recomposição é bastante produtivo no atual estágio da língua e seleciona como formativos para figurar à esquerda o que chamamos de afixoides. Percebemos que os afixoides são o que a literatura morfológica sempre denominou de radicais neoclássicos e que este grupo é bastante heterogêneo, pois seus elementos morfológicos não têm todos o mesmo estatuto, o que evidencia, como defende Gonçalves (2011a), que uma categoria ou rotulação discreta não resolve o problema, pois os afixoides exibem características tanto de afixos quanto de radicais, como demonstramos com a nossa análise neste ensaio.

Acreditamos, como o autor, que afixoides uma classe heterogênea de formativos, com elementos de diferentes graus de pertencimento à classe. Os elementos *eco-* e *homo-*, tem, pelos critérios estabelecidos acima, 5 características de afixo e 2 de radical, o que os faz mais semelhantes a afixos, como nos mostra a tabela abaixo:

Formativos/critérios	<i>eco-</i>	<i>homo-</i>
Critério (restrição posicional)	afixo	afixo
Critério (boundness)	afixo	radical
Critério (relação prosódia-morfologia)	radical	radical
Critério (estabilidade funcional)	afixo	afixo
Critério (aplicabilidade)	afixo	afixo
Critério (densidade semântica)	afixo	afixo
Critério (combinabilidade)	radical	afixo
Critério (redução de coordenação)	radical	radical

A tabela nos mostra que *eco-* e *homo-* exibem mais características de afixos que de radicais, mas ainda portam atributos de radicais, mesmo que em menor proporção. Acreditamos que os formativos podem estar passando pelo processo de gramaticalização, o que será estudado e

analisado em pesquisas futuras, já que este ensaio não pretende esgotar a questão, pois constitui estágio inicial da pesquisa.

Se fizermos um *continuum* morfológico no processo de recomposição, com certeza os afixos *eco-* e *homo-* estariam mais próximos do polo da derivação, por serem mais semelhantes a afixos. Resta saber se no *continuum* morfológico composição-derivação, proposto por Bauer (2005), Gonçalves (2011 a,b,c), Baker (2000) e Kastovsky (2009), onde está situado o processo de recomposição como um todo se mais próximo da derivação ou da composição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAUER, L. The borderline between derivation and compounding. In: W. Dressler et al. (eds.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 97-108.

BELCHOR, A. P. V. O processo de Recomposição no Português do Brasil a Partir de auto e moto. *Cadernos do NEMP*, Rio de Janeiro, n. 2, 2011.

BOOIJ, G. Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology. In: W. Dressler et al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, pp. 109-131.

CANO, W. M. O Formativo tele- e suas variantes no português atual do Brasil. *Alfa*, São Paulo, 42: 9-22, 1998.

CORBIN, D. French (Indo-European: Romance). In: G. Booij, C. Lehmann & J. Mugdan (eds.). *Encyclopédie Internationale de Morphologie*, Article 121, Berlin, Walter de Gruyter, 2000.

CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

FERRARI, Lilian. *Introdução à lingüística cognitiva*. São Paulo:Contexto, 2011.

FERREIRA, R. G. Da telepatia ao telejornal: um estudo morfossemântico da Recomposição a partir de Tele. *Cadernos do NEMP*, Rio de Janeiro, n. 2, 2011 p. 135-153.

GONÇALVES, C. A. Composição e derivação: pólos prototípicos de um *continuum*? Pequeno estudo de casos. *Domínios de Linguagem*, 5, p. 62-89, nov. , 2011a.

GONÇALVES, C. A. Compostos Neoclássicos: estrutura e formação. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, Vol. 9, número 5, p. 6-39, nov. de , 2011b.

GONÇALVES, Carlos Alexandre & ANDRADE, Katia Emmerick. El *status* de los componentes morfológicos y el *continuum* composición-derivación en portugués. *Lingüística*, 28 (2), p. 119-145, 2012.

GONÇALVES, C. A. Prefixação: composição ou derivação? Novos enfoques sobre uma antiga polémica *Matraga*, v. 19, n. 30, 2012.

HOUAISS. *Dicionário Digital da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JESPERSEN, O. *Die Sprache, Ihre Natur, Entwicklung und Entstehung*. Heidelberg: Carl Winters Universitaetsbuchhandlung. 1925.

Os afixoides *eco-* e *homo-* no processo de recomposição

KASTOVSKY, Dieter. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: McConchie, R. W. et al. (eds.). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis* (HEL-LEX 2). Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2009, p. 1-13.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia Portuguesa*. 4ª edição, Campinas: Pontes, 2002.

OLIVEIRA, P. A. & GONCALVES, C. A. O Processo de recomposição e os formativos *eco-* e *homo-* no Português brasileiro: compressão semântica e análise estrutural. *Cadernos do NEMP*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 171-184, 2011.

RALLI, Angela. Compounding versus derivation. In: Scalise, S.& Vogel, I. (eds.) *The Benjamins Handbook of Compounding*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.

TAYLOR, J. R. *Linguistic Categorization*. Oxford: Oxford University Press, 1989

TEN HACKEN, Pius. *Defining Morphology: a principled approach to determining the boundaries of compounding, derivation, and inflection*. Hildesheim: Olms, 1994.

THE AFFIXOIDS ECO- AND HOMO- IN THE MORPHOLOGICAL PROCESS OF SECRETION

Abstract: *In this article, we discuss the status of morphological formative consider affixoids, the neoclassical 'eco' and 'homo'. In the text, we find that these elements are considered affixoids precisely to exhibit characteristics of both affixes and radicals. Based on Gonçalves & Andrade (2012), we analyze how eco- and homo- position themselves within the continuum derivation-compounding proposed by these authors.*

Keywords: *Morphology, compounding, derivation, secretion, morphological continuum.*